

Os alarmes ainda soavam à distância enquanto Han arriscava com todo cuidado um olhar pela esquina. Segundo os diagramas que Artoo conseguira, aquela deveria ser a maior estação de defesa naquele setor da guarnição. Era provável que encontrassem guardas, que com aquela situação toda estariam em alerta.

Estava certo nos dois detalhes. A cinco metros de distância pela entrada do corredor, flanqueando uma porta pesada, estavam dois homens das tropas de choque. Alerta o suficiente para reparar no estrangeiro que espiava escondido e apontar os desintegradores na direção dele.

A coisa mais inteligente a fazer, que qualquer pessoa razoável e não suicida faria, seria recuar antes que o tiroteio começasse. Mas Han agarrou a quina da parede com a mão livre, atirando-se para o outro lado do corredor poucos centímetros antes dos disparos que arrancaram pedaços da parede.

Ainda atiravam quando Chewbacca terminou a contenda com dois disparos bem dados.

— Bom trabalho, Chewie — disse Han, examinando o terreno adiante.

Os homens estavam fora de combate, portanto só havia uma porta reforçada de metal a transpor.

O que também não se constituía em grande problema. Pelo menos não para esse grupo.

— Estão prontos? — perguntou Han, apontando o desintegrador.

Provavelmente haveria outro par de guardas do lado de dentro.

— Pronto — respondeu Luke, acionando o sabre-laser.

A lâmina esverdeada penetrou no metal da porta como se fosse manteiga. Em algum ponto ao longo do caminho encontrou o mecanismo interno e quando Luke cortou a parte de baixo, a secção subiu para seu encaixe original.

Pela forma como os dois soldados olhavam para a porta, ficou claro que não haviam escutado o tiroteio. Também ficou claro que não

esperavam nenhuma invasão por ali. Han derrubou um deles antes que chegasse a apontar a arma e Luke cortou o outro ao meio com um golpe do sabre-laser.

O grupo de técnicos que manjava os consoles de sensores também não esperava companhia. Procuraram as armas no cinto e correram em busca de abrigo. Han e Chewbacca abateram a todos, com cerca de uma dúzia de tiros. A sala ficou reduzida a destroços.

— Acho que assim fica melhor — comentou Han. — Mas é melhor a gente ir andando antes que os reforços cheguem.

Porém, entre o tumulto nos portões principais e o bando errante de myneyrshi, a capacidade de resposta do Império era bem menor. Os três intrusos retornaram pelo corredor, desceram as escadas de emergência e voltaram para a sala das bombas, três andares abaixo, onde haviam deixado os companheiros.

Dois noghri montavam guarda em silêncio atrás da porta quando Han a abriu.

— Alguma novidade? — quis saber Lando, de algum ponto do emaranhado de canos.

— Na verdade, não. Mas acho que não gostaria de repetir tudo — comentou Han, enquanto Chewbacca fechava a porta atrás deles.

— Acho que não vai ser necessário. Eles estão convencidos de que existe um grande ataque aéreo a caminho.

— Vamos esperar que sim — respondeu Han, acercando-se de onde Lando trabalhava numa mesa de controle com aparência arcaica. Artoo encontrava-se conectado a um terminal, enquanto Threepio agitava-se atrás dele, como um pássaro em torno dos filhotes. — Bela antigüidade...

— Sabia que você ia apreciar. Acho que o Imperador retirou toda a instalação de onde estava e mandou implantar aqui.

Artoo manifestou-se.

— Certo, incluindo os programas — completou Lando. — Conheço um pouco sobre esse assunto, Han, mas não o bastante para fazer um dano permanente. Acho que teremos de usar explosivos.

— Para mim está ótimo — disse Han. Teria odiado carregar todo aquele material sem usá-lo. — Onde está Mara?

— Lá, na sala principal — informou Lando, apontando para uma porta meio escondida entre os tubos.

— Vamos dar uma espiada, Luke — convidou Han. — Chewie, fique aqui com Lando. Para ver se vale a pena explodir algo.

Caminhando até a porta, ele a abriu. Além havia uma passarela circular, que corria o perímetro do que parecia ser uma caverna natural monstruosa. A frente, emoldurada contra uma torre de equipamentos que ia do teto ao chão no centro da caverna, estava Mara, debruçada contra a grade.

— É esse o lugar? — indagou ele, olhando ao redor. Cerca de vinte outras portas abriam-se para a passarela, a intervalos regulares, e havia quatro pontes retrateis, estendendo-se em direção a uma plataforma de trabalho que circundava a coluna central de equipamentos. Além dos noghri vigiando o local, não havia ninguém mais à vista.

Mas havia sons. Um zunido constante e abafado do maquinário, e vozes que pareciam não vir de nenhum lugar, pontuadas por estalidos e um estranho pulsar rítmico, chiado. Como se a caverna toda estivesse respirando.

— Esse é o lugar — confirmou ela, com voz estranha. — Venham e vejam.

Han olhou para Luke e ambos avançaram na direção da balaustrada e olharam para baixo.

O lugar era aquele, sem dúvida.

A caverna era enorme, estendendo-se para baixo pelo menos dez andares. Era semelhante a um estádio de esportes, cada nível com um balcão circular em toda a volta. Cada balcão era mais largo do que o superior, aproximando-se do centro e diminuindo o orifício ao redor da coluna central de equipamentos. Havia tubos por todos os lados: grandes tubos saindo dos dutos centrais, correndo ao redor das passarelas e os mais finos, alimentando os círculos de metal, caprichosamente arrumados nos balcões e no assoalho principal.

Centenas de círculos metálicos. Cada um era a parte superior de um cilindro Spaarti de clonagem.

Ao lado de Han, Luke produziu um som estranho na garganta.

— E difícil acreditar — comentou, por fim, entre abalado e impressionado.

— Pois pode acreditar — aconselhou Han, apanhando o macrobinóculo e assestando-o no soalho principal, lá embaixo. Apesar dos tubos bloquearem um bocado da visão, pode divisar alguns homens em uniforme de técnicos e soldados correndo pelo local. Nos terraços mais baixos também havia gente.

— Estão agitados como num ninho de ratos, lá embaixo. Tropas de choque e tudo o mais no piso principal.

Ele olhou de lado para Mara. A expressão dela era tensa ao encarar os tanques de clonagem, como o rosto de alguém assombrado pelo passado.

— Traz de volta as lembranças? — indagou ele.

— Traz — respondeu ela, mecanicamente. Permaneceu mais um instante imóvel, depois endireitou o corpo. — Mas não podemos dar atenção a elas.

— Que bom que você concorda — comentou Han, estudando-lhe o rosto. — Aquela coluna no meio parece nosso melhor alvo. Sabe alguma coisa sobre ela?

Ela parecia bem, mas havia um bocado de coisas ocorrendo sob a superfície. *Agüente firme, garota! Somais um pouco, desejou ele mentalmente.*

— Não — respondeu Mara, hesitante. — Mas pode haver outra maneira. O Imperador não era do tipo que deixava seus segredos para trás, para outros usarem. Não se puder evitar.

— Está querendo dizer que todo esse lugar tem um mecanismo de autodestruição? — indagou Han.

— É possível — disse ela, com aquele olhar assombrado outra vez. — Se for assim, o controle deve ficar na sala do trono. Podíamos ir até lá e dar uma olhada.

— Não sei, não... — murmurou Han, olhando para os cilindros abaixo. Parecia um lugar grande demais para ser destruído com um saco de explosivos... um controle de autodestruição simplificava tudo. Todavia, a idéia de Mara vagando com suas memórias pela sala do trono também não parecia nada boa. — Acho melhor nenhum de nós andar sozinho por esse lugar.

— Eu vou com ela — ofereceu Luke. — Ela tem razão, vale a pena verificar.

— Será seguro, não se preocupe — garantiu Mara. — Existe um turboelevador de serviço na passarela que cobre a maior parte da distância. E de qualquer jeito, a atenção dos soldados está presa ao tumulto na porta.

— Está bem, podem ir — concedeu Han. — Mas não esqueça de nos avisar antes de apertar o botão, certo?

— Pode deixar. Vamos indo, Mara?

— Onde vão eles? — quis saber Lando, que se aproximava.

— Para a sala do trono do Imperador. Ela acredita que deve existir um mecanismo de autodestruição acionado de lá — explicou Han.

— Artoo finalmente conseguiu uma ligação com o computador principal. Está procurando o esquema daquela coisa — informou Lando, apontando a torre central.

— Não podemos esperar — resolveu Han, voltando-se para Chewbacca, que se aproximava com a sacola de explosivos. — Chewie, você e Lando escolham uma dessas pontes, e mãos à obra.

— Certo. E você?

— Vou trancar os acessos — explicou Han, indicando as outras portas.

— Ei, vocês... noghri. Venham aqui!

Os dois guardas moveram-se em completo silêncio para perto de Han, enquanto Lando e Chewbacca dirigiam-se para a ponte mais próxima.

— Sua ordem, Han, clã Solo?

— Você, fique aqui e vigie. E você... me ajude a selar essas portas. Um bom tiro de desintegrador em cada caixa de controle deve resolver o assunto. Eu vou por esse lado, você vai pelo outro.

Percorrera cerca de dois terços do caminho pela passarela, quando escutou algo acima do lúgubre respirar da caverna. Olhando para trás, viu que Threepio o chamava da porta por onde entraram.

Resmungando que não podia deixar nada por conta do dróide, terminou a porta onde estava e voltou correndo.

— Capitão Solo! Graças à Grande Galáxia... Artoo está dizendo que...

— O que está tentando fazer? — cortou Han. — Atrair a guarnição inteira para cá?

— Claro que não, senhor. E que Artoo está dizendo...

— Se não sabe onde procurar, é preferível usar o comunicador — continuou Han, indicando o cilindro metálico preso ao dróide. — Por isso você carrega um. Certo?

— Certo, senhor — assentiu Threepio, lançando mão de toda a sua paciência mecânica. — Posso continuar?

Han suspirou. No fundo, sabia que era o mesmo que conversar com uma parede de tijolos. — Sim, o que é?

— E sobre Mestre Luke — disse o dróide. — Escutei um dos noghri dizer que ele e Mara Jade estão em missão na sala do trono.

— E verdade. O que tem isso?

— Bem, senhor, no curso de suas investigações, Artoo acabou de saber que o Mestre Jedi Joruu C'baoth está preso naquela área.

Han olhou para o dróide.

— Como assim, naquela área? Ele não está no centro de detenção?

— Não, senhor. Como eu tentei...

— Mas por que você não disse logo, Threepio? — indagou Han, apanhando o comunicador do dróide, apenas para descobrir que não estava funcionando.

— Foi isso o que descobri quando tentei entrar em contato. Por isso vim chamá-lo — justificou o dróide.

— Mas que ótimo — resmungou Han, ainda com a estática ecoando em seus ouvidos.

Luke e Mara, caminhando direto para os braços de C'baoth. E não havia nenhuma forma de preveni-los. A não ser uma.

— Mantenha Artoo ocupado, procurando aquelas plantas. E diga também para ele ver se consegue descobrir a causa dessa interferência nos comunicadores. Se puder, mande os noghri para restabelecer as comunicações. Depois vá até aquela ponte e avise a Chewie e Lando onde fui.

— Sim, senhor — concordou Threepio, um tanto surpreso com a profusão de ordens de uma só vez. — Desculpe perguntar, mas *onde* o senhor vai?

— Onde acha que vou? — respondeu Han, por sobre o ombro, caminhando pela passarela.

Nunca acontecia de outra forma. Não falhava. De um jeito ou de outro, não importa onde estivessem, ou o quê estivessem fazendo, ele sempre acabava tendo que ir atrás de Luke.

Mais e mais, parecia ter sido uma boa resolução, a de vir junto.

— Muito bem, *Garret's Gold*, as escotilhas estão fechadas por aqui — avisou o controlador de voo. — Fiquem a postos para receber curso de trânsito.

— Certo, controle — disse Aves, liberando o *Etherway* do guindaste de atracação.

Começaram uma vagarosa manobra. Estavam prontos; e pelo jeito como iam as coisas, todos também estavam.

— Lá está ele — apontou Gillespee. — Bem no horário.

— Tem certeza que é ele? — quis saber Aves.

— Quase. Quer que tente falar com a nave?

Aves deu de ombros, observando os arredores, no estaleiro. Haviam estabelecido um bom código de comunicação, mas seria estupidez utilizá-lo sem que fosse necessário.

— Vamos esperar um pouco. Pelo menos até termos algo a dizer.

Acabou de pronunciar essas palavras quando tudo foi por água abaixo.

— Destróieres estelares! — gritou Faughn, no console de comunicação.

— Chegando do hiperespaço.

— Vetores? — indagou Gillespee.

— Não se dê ao trabalho — disse Aves, sentindo uma lâmina nas entranhas.

Viu as naves aparecendo ao lado do estaleiro. Além de destróieres, viu cruzadores *Dreadnaught*, fragatas *Lancer*, cruzadores de ataque e esquadrilhas *TIE*. Uma frota completa de assalto.

E praticamente todas as naves da confederação de contrabandistas estava ali. Ao lado de toda aquela potência de fogo.

— Então *era mesmo* uma armadilha — comentou Gillespee, com voz calma.

— Parece que sim — concordou Aves, observando a formação das naves.

Uma formação que parecia errada, de alguma maneira.

— Aves, Gillespee, aqui é Mazzic — avisou uma voz pelo comunicador.

— Parece que fomos vendidos. Não pretendo me render. E quanto a vocês?

— Acho que eles merecem perder pelo menos um par de destróieres estelares por causa disso — afirmou Gillespee.

— Era o que eu estava pensando. Pena que Karrde não esteja aqui para nos ver partindo num furacão de glória— comentou Mazzic.

Aves sentiu os olhos dos companheiros sobre ele. Iriam para a morte acreditando que Karrde os traía. Todos eles.

— Estou com vocês. Se quiser, Mazzic, pode ficar com o comando.

— Era o que eu pretendia, mesmo. Fiquem em alerta. Podemos disparar juntos os primeiros tiros.

Aves olhou mais uma vez para a frota lá fora... e compreendeu tudo.

— Esperem! Mazzic... todo mundo, esperem. Essas naves não estão aqui por nossa causa.

— Do que você está falando? — indagou Gillespee.

— Veja o cruzador interceptador, logo depois daquele grupo de destróieres... está vendo? Repare na posição que eles estão.

Houve um instante de silêncio. Mazzic foi o primeiro a entender.

— Essa não é uma formação de cerco — disse ele.

— Tem razão. Veja lá, mais distante... um segundo grupo — afirmou Gillespee.

— É uma formação em pinça, para apanhar quem entra — declarou Mazzic, como se não acreditasse em suas próprias palavras. — Estão preparando alguma para quem venha do hiperespaço. Pretendem mantê-lo ali o suficiente para atirar bastante.

Aves olhou para Gillespee, que devolveu o olhar.

— Não — murmurou Gillespee. — Você não está imaginando...? Eu pensei que eles iam atacar Tangrene.

— Eu também. Acho que estávamos errados — observou Aves.



— Pode ser que Thrawn esteja errado — sugeriu Gillespie, olhando para a frota e sacudindo a cabeça. — Não. Acho que não é muito provável.

— Muito bem, não vamos entrar em pânico — afirmou Mazzic. — Se a Nova República vier mesmo, significa que vão distrair ainda mais a atenção do Império. Vamos manter nosso horário e ver o que acontece.

— Certo. Bem no meio de um ataque da Nova República contra o Império. Que senso de oportunidade — comentou Aves.

— Vou dizer uma coisa, Aves. Se a gente escapar daqui, preciso ter uma pequena conversa com seu patrão.

— Por mim tudo bem. Aliás, até pode ser que eu vá com você — disse Aves.

Cuidadosamente, Mara esticou o pescoço para fora da escada de emergência e espiou o corredor. A precaução fora desnecessária; aquele andar encontrava-se deserto, assim como os três andares abaixo.

— Tudo bem — anunciou ela, caminhando pelo corredor.

— Também não tem guarda nenhum? — estranhou Skywalker, olhando ao redor.

— Não faz muito sentido, mesmo. Com exceção da sala do trono e dos aposentos reais, não existia quase nada por aqui.

— Acho que continua assim. Onde é esse turbóelevador privativo?

— Para a direita, depois de dobrar aquela esquina — informou Mara, apontando com o desintegrador.

Mais por hábito do que por necessidade, ela tentou manter os passos silenciosos ao prosseguir pelo corredor. Chegou ao ponto indicado e dobrou à direita.

Dez metros à frente, dois soldados das tropas de choque guardavam a porta do turbóelevador; os rifles-desintegradores moveram-se na direção dela.

No centro do corredor, apanhada num movimento para o lado errado, Mara não podia fazer outra coisa senão atirar-se ao chão. Mergulhou para a frente, disparando antes mesmo de chegar ao solo. Um dos soldados deu um passo para trás quando sua armadura foi atingida; a segunda arma corrigiu a pontaria...

E moveu-se, desajeitada, quando o sabre-laser de Skywalker veio girando pelo corredor, na direção dele.

Não produziu outro efeito além de distrair o inimigo, pois o Jedi não contava com a Força para guiar sua arma. Mas o instante de distração era tudo o que Mara precisava. Enquanto o soldado se desviava da arma solitária, ela o abateu com dois disparos. O corpo caiu e permaneceu imóvel.

— Acho que não querem que ninguém suba — observou Skywalker, aproximando-se.

— E, acho que não — concordou ela, ignorando a mão estendida para ajudá-la a levantar-se. — Vamos.

O carro do turboelevador estava travado, mas não levou nem um minuto para que Mara o colocasse em funcionamento. Só havia quatro alternativas de parada; aquela onde estavam, o hangar do transporte de emergência, os aposentos reais e a sala do trono. Ela marcou esse último destino e a porta fechou-se. A viagem foi curta; depois de alguns segundos, a porta do lado oposto abriu-se. Preparando o espírito, Mara saiu.

Para a sala do trono do Imperador... envolta numa torrente de lembranças.

Estava tudo ali, da forma como ela lembrava. A iluminação lateral e indireta da penumbra que o Imperador achava tão convidativa para meditar. Os níveis mais elevados ao final do aposento, serviam para que ele ficasse sempre acima dos visitantes que subiam as escadas. Havia monitores nas paredes, em ambos os lados do trono, que no momento se encontravam às escuras. Dali ele controlara seu domínio.

Ela voltou-se para a esquerda, olhando por sobre a grade para o enorme espaço vazio além do trono. Flutuando ali, numa explosão de luz de vinte metros de diâmetro, estava a Galáxia.

Não se tratava de um holograma comum que qualquer escola ou empresa grande poderia possuir. Nem ao menos das versões mais precisas que só podiam ser encontradas nas salas de guerra de alguns setores militares selecionados. Esse holograma era esculpido em cada detalhe único, com um único ponto luminoso para cada uma das centenas de bilhões de estrelas. As regiões políticas eram marcadas por sutis diferenças de cor: os Sistemas Interiores, o Anel Externo, o Espaço

Inexplorado, as Regiões Desconhecidas. De seu trono o Imperador podia manipular a imagem, selecionar um setor escolhido, localizar qualquer ponto desejado, ou conduzir uma campanha militar.

Era tanto uma obra de arte quanto uma ferramenta. O Grande Almirante Thrawn iria adorar aquilo.

Com esse pensamento, as lembranças do passado deram lugar às realidades do presente. Thrawn estava no comando agora, um homem que desejava recriar o Império, à sua própria imagem. Desejava tão ardentemente que não hesitava em desencadear novas Guerras Clônicas para obter o que queria.

Mara suspirou.

— Muito bem, se está aqui, deve estar embutida no trono — declarou ela, expulsando o passado da cabeça.

Com esforço, Skywalker tirou os olhos da Galáxia holográfica e pousou- os no trono.

— Vamos até lá.

Seguiram pelo caminho de dez metros que conduzia do turboelevador para a parte principal do aposento, passando sob a passarela elevada que corria pela frente do poço do holograma e entre as guaritas elevadas que flanqueavam a escada. Mara olhou para as plataformas enquanto subiam os degraus para o nível superior e imaginou os guardas imperiais, com seus uniformes vermelhos, que ali costumavam montar vigília silenciosa. Acima do nível onde estavam, visível entre os degraus, o monitor do Imperador permanecia escuro. Além do holograma, todos os sistemas estavam desligados.

Atingiram o alto dos degraus e caminharam para o trono, virado na direção da parede de granito, logo à frente. Mara estranhou a posição, imaginando por que o Imperador teria deixado o trono de costas para a Galáxia, quando ele começou a girar.

Apontando o desintegrador para o trono, ela agarrou com a outra mão o braço de Skywalker. O grande assento completava o movimento...

— Finalmente vieram até mim — pronunciou ameaçador e solene Joruu C'baoth, olhando para eles. — Sabia que viriam. Juntos, ensinaremos ao Universo o que significa servir aos Jedi.